

DESAGREGAÇÃO FAMILIAR, MIGRAÇÕES E IDADE MÉDIA AO PRIMEIRO CASAMENTO: ESTUDO DE CASO NO BONFIM, PARÓQUIA DA CIDADE DO PORTO⁹³

Rui Leandro Maia

Universidade Fernando Pessoa

RESUMO

A desagregação familiar precoce, por óbito de um dos progenitores ou de ambos, terá algum impacte na idade ao primeiro casamento dos filhos? E ao tê-lo, derivará consoante determinados critérios? Como a morte do progenitor ser a do pai ou ser a da mãe? O nubente ser homem ou ser mulher? Consoante as origens geográficas dos nubentes? A percepção destas diferenças, ao existirem, é de grande importância e permite perceber a influência da mortalidade, das migrações e da nupcialidade em relação à diminuição da capacidade reprodutiva, quase sempre, associada à generalização de métodos contraceptivos, no caso português, com ênfase a partir dos anos quarenta do século XX.

O artigo tem por base documental os registos de casamento de uma comunidade urbana na cidade do Porto entre 1940 e 1969 e insere-se no âmbito de uma investigação mais vasta sobre as causas da Transição Demográfica em Portugal, tendo por objectivo, nomeadamente, perceber se os comportamentos entre naturais e migrantes residentes no espaço em observação oscilam em função das variáveis consideradas.

⁹³ Este artigo insere-se no âmbito de uma investigação com financiamento da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através do CEAA – Centro de Estudos de Antropologia Aplicada da Universidade Fernando Pessoa, intitulada THE RURAL-URBAN MIGRATION IMPACT ON THE DEMOGRAPHIC TRANSITION PROCESS: PORTUGAL SINCE SECOND WORLD WAR UNTIL THE 90'S, CEAA/0014/RLM, com desenvolvimento entre Janeiro de 2005 e Dezembro de 2007.

ABSTRACT

The familiar desegregation, by death of the father, or of the mother or of both, will have any impact on the average age to the first suns marriage? And are there some criteria in case of impact? Such as the dead progenitor being father or mother? By sex of those who married? By geographical origins of those who married? The differences, if they exist, have a high importance. Their study gives the possibility to understand the mortality, the migrations and the marriage influence on the decrease in the reproduction capacity of the populations, normally, exclusively associated to the contraception generalization, in the case of Portugal since 1940 until now.

The manuscript is supported by the marriage registration data base from an urban community in Porto between 1940 and 1969 and is part of a larger research about the reasons of Demographic Transition in Portugal. This has as objective to understand if demographic and social comportments of migrants comparing with the urban naturals are dependent on the considered variables.

Introdução

A migração para a cidade do Porto entre os anos de 1940 e de 1969 de indivíduos provenientes de terras do interior, sobretudo Norte, e mesmo de terras situadas na periferia tem por causa razões de sobrevivência individual e familiar. Foram em muito consequência de factores repulsivos, económicos e sociais, nalguns casos associados a momentos trágicos de ruptura familiar, quase sempre provocada pela morte de um progenitor, assumindo-se como causas familiares e estratégias de sobrevivência conjunta mobilizadoras de diversos recursos: dos seus primeiros actores, os migrantes, os que asseguram a sua partida das terras de origem, os que asseguram a sua integração no espaço de acolhimento e os que podem, em transito regular, assegurar o contacto entre esses dois espaços físicos e sociais em que os migrantes se dividem.

Considerando que a passagem da condição de solteiro para a condição de casado implica capacidade de autonomização económica, pretende-se observar se os residentes no espaço urbano do Bonfim, segundo as categorias de análise dos que daí são naturais e dos que para aí migraram, apresentam oscilações na idade média ao primeiro casamento em função dos progenitores estarem ou não vivos ao acto e, ao existirem, se essas oscilações se diferenciam entre si. Pretende-se, por outro lado, perceber o que é que representa, se é que representa, em termos de retardamento da idade média ao primeiro casamento, a ausência de um pai comparada com a ausência de uma mãe, numa sociedade que, ao tempo em observação, era profundamente marcada pela diferenciação sexual do trabalho e, portanto, pelo desempenho quase que em exclusivo de trabalho remunerado para os homens e pelo desempenho de trabalho não remunerado quase que em exclusivo para as mulheres, muito mais em meios rurais, em particular adstrito às tarefas domésticas e às lides campesinas. A morte do progenitor masculino em espaços rurais falhos de recursos e de oportunidades de trabalho impelia à migração e à busca de sustento próprio onde ele surgisse, nas grandes cidades ou no estrangeiro. A necessidade de assegurar a sustentabilidade própria e a dos familiares, destes pelo menos a título parcial, reduzia a capacidade de autonomização dos indivíduos radicados nas cida-

des, espaços onde, justamente, a fraqueza das redes informais de suporte e de solidariedade mais impõe a existência de um meio para a constituição de um núcleo familiar.

A análise da família, interrompida por morte de um ou de ambos os progenitores e pelas migrações dos espaços rurais e periféricos para a cidade, ganha valor acrescentado na explicação do processo de Transição Demográfica, na linha do pensamento de diversos autores (cf. Bandeira 1996: 52-62; Brettell 1991: 216-217; Livi-Bacci 1971)⁹⁴. A investigação que sustenta este artigo tem por antecedente a comprovação de que, em matéria de idade média ao primeiro casamento e de capacidade reprodutiva, se verificam diferenças comportamentais entre indivíduos que residem em meio urbano, sendo daí naturais ou tendo para aí migrado (cf. Maia 2003). O que explica o casamento mais tardio dos segundos face aos primeiros? Um conjunto de factores marcados pelo reforço da família nuclear – potenciada pelo êxodo rural, pela industrialização e pelo progresso técnico – a que parece não ser indiferente a presença ou a ausência, por morte, dos progenitores.

⁹⁴ A caracterização do processo de Transição Demográfica foi há muito realizada entre nós em observação macro espacial (v. referências bibliográficas). São conhecidas as curvas de comportamento para a mortalidade e para a natalidade em todo o País e os períodos de arranque e de evolução dessas curvas. Não são porém conhecidas com pormenor as causas. Numa formulação simplista, poder-se-iam vincular em absoluto à generalização da contracepção, que ao tempo, não é ainda uma realidade. Não é essa a posição aqui defendida. Como refere Ferrão (2005: 54 e 56): “Apesar das alterações já visíveis a partir da década de 40 [do século XX], o Portugal demográfico no início dos anos 60 está ainda longe de reflectir os ganhos da modernização demográfica (baixas taxas de mortalidade, infantil e geral) e, por maioria de razão, de se confrontar com as suas debilidades: quebra excessiva da fecundidade, envelhecimento, crescimento negativo. [...] Embora já em quebra, a taxa de fecundidade no início dos anos 60 é ainda suficientemente elevada para colocar Portugal como o país da União Europeia dos 15 (EU 15) com maior crescimento natural. É sobretudo a partir de 1968 – significativamente, o início do período de abertura modernizante marcelista e de divulgação de métodos modernos de contracepção – que algumas novas tendências dos padrões de fecundidade ganham visibilidade: aumento da percentagem de mulheres com apenas 1 ou 2 filhos e diminuição da idade média da mulher ao nascimento dos filhos. Ter menos filhos e mais cedo constituem características centrais do modelo familiar em afirmação durante as décadas de 60 e de 70, acompanhando, aliás, a crescente (sub) urbanização e abertura ao exterior do país.”

I. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O levantamento e o tratamento de informações constantes nos registos de casamento da paróquia do Bonfim, que deram origem a este artigo, foram feitos pela origem geográfica ao nascimento dos residentes segundo as categorias de naturais e de migrantes.

As análises apresentadas em relação às idades médias ao primeiro casamento consideram como factores susceptíveis de intervenção as condições, vivos ou falecidos, dos progenitores, isoladamente, pai ou mãe, ou em conjunto, pai e mãe, considerando os sexos em separado e as origens geográficas.

A base de dados recolhida por amostragem sistemática é composta por 3198 casamentos e, conseqüentemente, por 6396 cônjuges. Em cada livro de registos de casamentos, correspondente a um ano civil, foi levantado um acto por cada três. Este tipo de amostragem consiste em retirar directamente da fonte com que o investigador trabalha os elementos representativos do universo segundo uma dada ordem que se mantém em cada recolha. A menos que a fonte apresente oscilações periódicas, o que não é o caso, a amostragem sistemática constitui um processo satisfatório de representação de uma população.

II. RESULTADOS

A idade media ao primeiro casamento dos **homens** residentes na cidade revela algumas tendências que, na perspectiva de comparação entre naturais e migrantes, importa registar.

Para os **naturais da cidade**, nos trinta anos de observação, a diferença de médias é de 3,73 anos quando o pai já faleceu e de 5,37 anos quando a mãe já faleceu, ou seja, no primeiro caso o casamento ocorre aos 28,88 anos para os que o pai faleceu e aos 25,15 anos para os que o pai está vivo ($p = ,000$; $t = 8,168$) e no segundo caso o casamento ocorre aos 30,76 anos para os

que a mãe faleceu e aos 25,38 anos para os que a mãe está viva ($p = ,000$; $t = 7,969$).

Esta diferença de médias tem expressão equivalente se observada década a década: nos casos em que o pai faleceu, sempre superior em relação aos casos em que o pai está vivo, é de 3,94 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 5,403$), de 3,99 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,000$; $t = 5,293$) e de 3,13 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,001$; $t = 3,355$), e nos casos em que a mãe faleceu é de 5,66 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 5,103$), de 5,80 entre 1950 e 1959 anos ($p = ,000$; $t = 5,349$) e de 4,38 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,002$; $t = 3,227$).

A observação da diferença de médias, considerando o efeito conjugado dos progenitores, pai e mãe, segundo as condições possíveis de estarem vivos ou de terem falecido, releva que a idade ao primeiro casamento é bastante tardia, 34,22 anos, quando ambos faleceram, é de 26,23 anos quando o pai já faleceu e a mãe está viva, é de 26,01 quando o pai está vivo e a mãe já faleceu e é de 24,96 anos quando os dois estão vivos. A diferença de médias entre os que estão na primeira condição e os que estão na última condição é de 9,26 anos nos trinta anos de observação, é de 8,80 anos entre 1940 e 1949, é de 10,32 anos entre 1950 e 1959 e é de 8,74 anos entre 1960 e 1969.

A análise de variância revela diferenças de média estatisticamente significativas em face a cada um dos progenitores, consoante estejam vivos ou tenham falecido antes do casamentos dos respectivos descendentes ($p = ,000$; $F = 115,098$ no caso do pai e $F = 104,554$ no caso da mãe) e face à interação com os dois progenitores ($p = ,000$; $F = 61,539$).

De relevar que o modelo de análise proposto para a observação das variações das médias das idades ao primeiro casamento dos homens naturais da cidade é capaz de explicar os comportamentos com graus de intensidade diferenciados consoante os períodos em observação: em 14,74 por cento nos trinta anos de observação, em 16,15 por cento entre 1940 e 1949, em 19,26 por cento entre 1950 e 1959 e em 9,98 por cento entre 1960 e 1969.

Para os **migrantes**, nos trinta anos de observação, a diferença de médias é de 5,50 anos quando o pai já faleceu e de 6,60 anos quando a mãe já faleceu, ou seja, no primeiro caso o casamento ocorre aos 31,91 anos para os que o pai faleceu e aos 26,41 anos para os que o pai está vivo ($p = ,000$; $t = 8,614$) e no segundo caso o casamento ocorre aos 33,40 anos para os que a mãe faleceu e aos 26,80 anos para os que a mãe está viva ($p = ,000$; $t = 7,754$).

Esta diferença de médias tem expressão equivalente se observada década a década: nos casos em que o pai faleceu, sempre superior em relação aos casos em que o pai está vivo, é de 5,66 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 5,714$), de 5,29 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,000$; $t = 5,694$) e de 5,62 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,001$; $t = 3,489$), e nos casos em que a mãe faleceu é de 6,39 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 5,155$), de 5,24 entre 1950 e 1959 anos ($p = ,000$; $t = 4,081$) e de 9,18 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,000$; $t = 4,022$).

A observação da diferença de médias, considerando o efeito conjugado dos progenitores, pai e mãe, segundo as condições possíveis de estarem vivos ou de terem falecido, releva que a idade ao primeiro casamento é bastante tardia, 37,94 anos, quando ambos faleceram, é de 27,98 anos quando o pai já faleceu e a mãe está viva, é de 26,79 anos quando o pai está vivo e a mãe já faleceu e é de 26,17 anos quando os dois estão vivos. A diferença de médias entre os que estão na primeira condição e os que estão na última condição é de 11,77 anos nos trinta anos de observação, é de 10,71 anos entre 1940 e 1949, é de 11,51 anos entre 1950 e 1959 e é de 15,40 anos entre 1960 e 1969.

A análise de variância revela diferenças de média estatisticamente significativas em face a cada um dos progenitores, consoante estejam vivos ou tenham falecido antes do casamento dos respectivos descendentes ($p = ,000$; $F = 125,782$ no caso do pai e $F = 83,752$ no caso da mãe) e face à interação com os dois progenitores ($p = ,000$; $F = 65,292$).

De relevar que o modelo de análise proposto para a observação das variações das médias das idades ao primeiro casamento dos homens migrantes é capaz de explicar os comportamentos com graus de intensidade diferen-

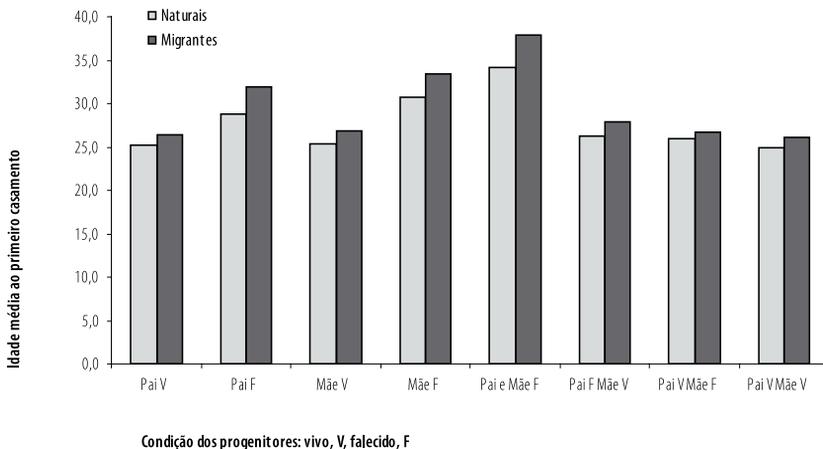


FIGURA 1. Idade média ao primeiro casamento de homens residentes na cidade, naturais e migrantes, 1940-1969, de acordo com a condição de vivos ou de falecidos dos progenitores.

ciados consoante os períodos em observação: em 21,57 por cento nos trinta anos de observação, em 22,19 por cento entre 1940 e 1949, em 23,79 por cento entre 1950 e 1959 e em 21,29 por cento entre 1960 e 1969.

Considerando agora no conjunto a observação das idades médias ao primeiro casamento pela origem geográfica dos homens verifica-se que os migrantes casam sempre mais tarde do que os naturais da cidade qualquer que seja a condição dos progenitores:

- Quando os dois já falecerem essa diferença é de 3,54 anos ($p = ,026$; $t = 2,233$), no conjunto dos trinta anos, é de 2,15 anos ($p = ,367$; $t = ,906$), entre 1940 e 1949, é de 2,30 anos ($p = ,361$; $t = ,919$), entre 1950 e 1959, e é de 9,26 anos ($p = ,018$; $t = 2,437$), entre 1960 e 1969.
- Quando um progenitor já faleceu e o outro ainda está vivo essa diferença é de 1,45 anos ($p = ,003$; $t = 3,019$), no conjunto dos trinta anos, é de 2,77 anos ($p = ,000$; $t = 3,770$), entre 1940 e 1949, é de ,53 anos ($p = ,502$; $t = ,672$), entre 1950 e 1959, e é de ,89 anos ($p = ,412$; $t = ,823$), entre 1960 e 1969.

• Quando os dois ainda são vivos essa diferença é de 1,35 anos ($p = ,000$; $t = 4,836$), no conjunto dos trinta anos, é de 1,41 anos ($p = ,003$; $t = 2,969$), entre 1940 e 1949, é de 1,40 anos ($p = ,001$; $t = 3,359$), entre 1950 e 1959, e é de 1,24 anos ($p = ,017$; $t = 2,389$), entre 1960 e 1969.

É de relevar que os homens que migraram para a cidade casam pela primeira vez, em média, mais tarde do que os homens naturais da cidade, com regularidade ao longo das três décadas, o que induz a perceber se a desagregação familiar provocada pela morte dos progenitores interfere aí de forma estatisticamente significativa.

Quando o pai já faleceu, a diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 2,98 anos ($p = ,000$; $t = 4,019$), ou seja, os homens migrantes casam aos 31,35 anos e os homens naturais da cidade casam aos 28,36 anos, é de 3,45 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,003$; $t = 3,047$), é de 2,70 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,014$; $t = 2,481$) e é de 2,62 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,141$; $t = 1,482$).

Quando o pai está vivo, a diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 1,17 anos ($p = ,000$; $t = 4,425$), ou seja, os homens migrantes casam aos 26,25 anos e os homens naturais da cidade casam aos 25,08 anos, é de 1,14 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,009$; $t = 2,641$), é de 1,13 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,009$; $t = 2,628$) e é de 1,23 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,015$; $t = 2,451$).

Quando a mãe já faleceu, a diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 2,58 anos ($p = ,016$; $t = 2,410$), ou seja, os homens migrantes casam aos 32,67 anos e os homens naturais da cidade casam aos 30,10 anos, é de 2,91 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,089$; $t = 1,714$), é de 1,09 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,520$; $t = ,645$) e é de 4,48 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,088$; $t = 1,733$).

Quando a mãe está viva, a diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 1,32 anos ($p = ,000$; $t = 5,230$), ou seja, os homens migrantes casam aos 26,62 anos e os homens naturais da cidade casam aos 25,30 anos, é de 1,47 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 3,550$), é de 1,47 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,000$; $t = 3,558$) e é de 1,01 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,041$; $t = 2,041$).

Quando o pai e a mãe já faleceram, a diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 3,72 anos ($p = ,030$; $t = 2,187$), ou seja, os homens migrantes casam aos 37,94 anos e os homens naturais da cidade casam aos 34,22 anos, é de 2,91 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,255$; $t = 1,144$), é de 2,72 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,349$; $t = ,942$) e é de 7,90 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,068$; $t = 1,876$).

Quando um dos progenitores já faleceu e o outro está vivo, a diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 1,43 anos ($p = ,002$; $t = 3,129$), ou seja, os homens migrantes casam aos 27,60 anos e os homens naturais da cidade casam aos 26,17 anos, é de 2,51 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,001$; $t = 3,307$), é de 1,05 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,145$; $t = 1,461$) e é de 0,48 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,639$; $t = ,470$).

Quando o pai e a mãe estão vivos, diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 1,21 anos ($p = ,000$; $t = 4,368$), ou seja, os homens migrantes casam aos 26,17 anos e os homens naturais da cidade casam aos 24,96 anos, é de 1,01 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,029$; $t = 2,188$), é de 1,37 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,003$; $t = 2,997$) e é de 1,24 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,019$; $t = 2,363$).

A idade media ao primeiro casamento das **mulheres** residentes na cidade revela algumas tendências que, na perspectiva de comparação entre naturais e migrantes, importa registrar.

Para as **naturais da cidade**, nos trinta anos de observação, a diferença de médias é de 2,97 anos quando o pai já faleceu e de 4,89 anos quando a mãe já faleceu, ou seja, no primeiro caso o casamento ocorre aos 26,10 anos para as que o pai faleceu e aos 23,12 anos para as que o pai está vivo ($p = ,000$; $t = 6,875$) e no segundo caso o casamento ocorre aos 27,98 anos para as que a mãe faleceu e aos 23,08 anos para as que a mãe está viva ($p = ,000$; $t = 7,877$). Esta diferença de médias tem expressão equivalente se observada década a década: nos casos em que o pai faleceu, sempre superior em relação aos casos em que o pai está vivo, é de 2,67 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 3,913$), de 2,47 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,000$; $t = 3,857$) e de 4,24 anos

entre 1960 e 1969 ($p = ,000$; $t = 3,999$), e nos casos em que a mãe faleceu é de 4,26 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 4,351$), de 3,91 entre 1950 e 1959 ($p = ,000$; $t = 4,273$) anos e de 6,97 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,000$; $t = 4,941$).

A observação da diferença de médias, considerando o efeito conjugado dos progenitores, pai e mãe, segundo as condições possíveis de estarem vivos ou de terem falecido, releva que a idade ao primeiro casamento é bastante tardia, 32,01 anos, quando ambos faleceram, é de 24,96 anos quando o pai está vivo e a mãe já faleceu, é de 23,88 anos quando o pai já faleceu e a mãe está viva e é de 22,84 anos quando os dois estão vivos. A diferença de médias entre os que estão na primeira condição e os que estão na última condição é de 9,17 anos nos trinta anos de observação, é de 8,11 anos entre 1940 e 1949, é de 7,56 anos entre 1950 e 1959 e é de 12,64 anos entre 1960 e 1969.

A análise de variância revela diferenças de média estatisticamente significativas em face a cada um dos progenitores, consoante estejam vivos ou tenham falecido antes do casamentos dos respectivos descendentes ($p = ,000$; $F = 94,846$ no caso do pai e $F = 152,270$ no caso da mãe) e face à interação com os dois progenitores ($p = ,000$; $F = 52,103$).

De relevar que o modelo de análise proposto para a observação das variações das médias das idades ao primeiro casamento das mulheres naturais da cidade é capaz de explicar os comportamentos com graus de intensidade diferenciados consoante os períodos em observação: em 13,21 por cento nos trinta anos de observação, em 11,88 por cento entre 1940 e 1949, em 10,08 por cento entre 1950 e 1959 e em 19,76 por cento entre 1960 e 1969. Para as **migrantes**, nos trinta anos de observação, a diferença de médias é de 5,29 anos quando o pai já faleceu e de 7,42 anos quando a mãe já faleceu, ou seja, no primeiro caso o casamento ocorre aos 31,65 anos para as que o pai faleceu e aos 26,36 anos para as que o pai está vivo ($p = ,000$; $t = 8,133$), e no segundo caso o casamento ocorre aos 33,77 anos para as que a mãe faleceu e aos 26,35 anos para as que a mãe está viva ($p = ,000$; $t = 9,385$).

Esta diferença de médias tem expressão equivalente se observada década a década: nos casos em que o pai faleceu, sempre superior em relação aos casos em que o pai está vivo, é de 4,54 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 4,529$), de 7,11 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,000$; $t = 5,864$) e de 4,32 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,000$; $t = 3,716$), e nos casos em que a mãe faleceu é de 8,27 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 7,240$), de 7,63 entre 1950 e 1959 anos ($p = ,000$; $t = 4,773$) e de 6,34 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,000$; $t = 4,579$).

A observação da diferença de médias, considerando o efeito conjugado dos progenitores, pai e mãe, segundo as condições possíveis de estarem vivos ou de terem falecido, releva que a idade ao primeiro casamento é bastante tardia, 36,73 anos, quando ambos faleceram, é de 29,99 anos quando o pai está vivo e a mãe já faleceu, é de 28,23 anos quando o pai já faleceu e a mãe está viva e é de 25,81 anos quando os dois estão vivos. A diferença de médias entre os que estão na primeira condição e os que estão na última condição é de 10,92 anos nos trinta anos de observação, é de 9,71 anos entre 1940 e 1949, é de 14,43 anos entre 1950 e 1959 e é de 9,70 anos entre 1960 e 1969.

A análise de variância revela diferenças de média estatisticamente significativas em face a cada um dos progenitores, consoante estejam vivos ou tenham falecido antes do casamentos dos respectivos descendentes ($p = ,000$; $F = 54,040$ no caso do pai e $F = 103,634$ no caso da mãe) e face à interação com os dois progenitores ($p = ,001$; $F = 12,029$).

De relevar que o modelo de análise proposto para a observação das variações das médias das idades ao primeiro casamento das mulheres migrantes é capaz de explicar os comportamentos com graus de intensidade diferenciados consoante os períodos em observação: em 15,92 por cento nos trinta anos de observação, em 20,20 por cento entre 1940 e 1949, em 23,88 por cento entre 1950 e 1959 e em 10,13 por cento entre 1960 e 1969.

Considerando agora no conjunto a observação das idades médias ao primeiro casamento pela origem geográfica das mulheres verifica-se que as

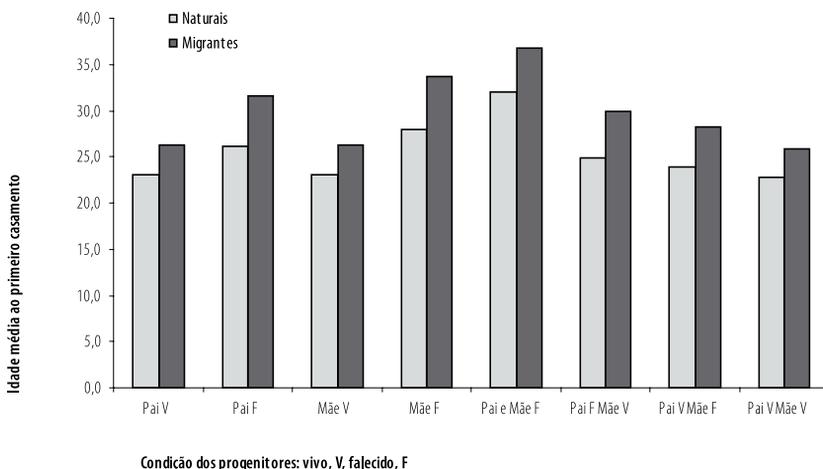


FIGURA 2. Idade média ao primeiro casamento de mulheres residentes na cidade, naturais e migrantes, 1940-1969, de acordo com a condição de vivos ou de falecidos dos progenitores.

migrantes casam sempre mais tarde do que as naturais da cidade qualquer que seja a condição dos progenitores:

- Quando os dois já falecerem essa diferença é de 5,05 anos ($p = ,002$; $t = 3,073$), no conjunto dos trinta anos, é de 4,39 anos ($p = ,054$; $t = 1,949$), entre 1940 e 1949, é de 8,20 anos ($p = ,016$; $t = 2,502$), entre 1950 e 1959, e é de 2,03 anos ($p = ,572$; $t = ,570$), entre 1960 e 1969.
- Quando um progenitor já faleceu e o outro ainda está vivo essa diferença é de 4,10 anos ($p = ,000$; $t = 6,825$), no conjunto dos trinta anos, é de 4,80 anos ($p = ,000$; $t = 4,374$), entre 1940 e 1949, é de 3,75 anos ($p = ,000$; $t = 4,152$), entre 1950 e 1959, e é de 3,79 anos ($p = ,002$; $t = 3,222$), entre 1960 e 1969.
- Quando os dois ainda são vivos essa diferença é de 2,55 anos ($p = ,000$; $t = 8,877$), no conjunto dos trinta anos, é de 1,85 anos ($p = ,000$; $t = 3,667$), entre 1940 e 1949, é de 2,56 anos ($p = ,000$; $t = 5,604$), entre 1950 e 1959, e é de 3,19 anos ($p = ,000$; $t = 6,411$), entre 1960 e 1969.

É de relevar que as mulheres que migraram para a cidade casam pela primeira vez, em média, mais tarde do que as mulheres naturais da cidade, com regularidade ao longo das três décadas, o que induz a perceber se a desagregação familiar provocada pela morte dos progenitores interfere aí de forma estatisticamente significativa.

Quando o pai já faleceu, a diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 4,97 anos ($p = ,000$; $t = 6,524$), ou seja, as mulheres migrantes casam aos 30,33 anos e as mulheres naturais da cidade casam aos 25,36 anos, é de 4,26 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 3,637$), é de 6,07 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,000$; $t = 4,758$) e é de 4,35 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,009$; $t = 2,647$).

Quando o pai está vivo, a diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 2,82 anos ($p = ,000$; $t = 9,504$), ou seja, as mulheres migrantes casam aos 25,67 anos e as mulheres naturais da cidade casam aos 22,84 anos, é de 3,07 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 5,200$), é de 2,37 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,000$; $t = 5,189$) e é de 3,11 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,000$; $t = 6,331$).

Quando a mãe já faleceu, a diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 5,62 anos ($p = ,000$; $t = 5,554$), ou seja, as mulheres migrantes casam aos 32,49 anos e as mulheres naturais da cidade casam aos 26,88 anos, é de 6,99 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 4,516$), é de 5,25 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,005$; $t = 2,889$) e é de 3,78 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,060$; $t = 1,901$).

Quando a mãe está viva, a diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 2,81 anos ($p = ,000$; $t = 10,271$), ou seja, as mulheres migrantes casam aos 25,60 anos e as mulheres naturais da cidade casam aos 22,79 anos, é de 1,86 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 4,160$), é de 3,18 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,000$; $t = 6,759$) e é de 3,40 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,000$; $t = 7,069$).

Quando o pai e a mãe já faleceram, a diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 5,05 anos ($p = ,002$; $t = 3,076$), ou seja, as mulheres

migrantes casam aos 35,52 anos e as mulheres naturais da cidade casam aos 30,47 anos, é de 4,39 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,056$; $t = 1,940$), é de 8,20 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,012$; $t = 2,581$) e é de 2,03 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,567$; $t = ,576$).

Quando um dos progenitores já faleceu e o outro está vivo, a diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 4,10 anos ($p = ,000$; $t = 6,825$), ou seja, as mulheres migrantes casam aos 27,89 anos e as mulheres naturais da cidade casam aos 23,79 anos, é de 4,80 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 4,374$), é de 3,75 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,000$; $t = 4,152$) e é de 3,79 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,002$; $t = 3,222$).

Quando o pai e a mãe estão vivos, diferença de médias é, nos trinta anos de observação, de 2,55 anos ($p = ,000$; $t = 8,877$), ou seja, as mulheres migrantes casam aos 25,13 anos e as mulheres naturais da cidade casam aos 22,58 anos, é de 1,85 anos entre 1940 e 1949 ($p = ,000$; $t = 3,667$), é de 2,56 anos entre 1950 e 1959 ($p = ,000$; $t = 5,604$) e é de 3,19 anos entre 1960 e 1969 ($p = ,000$; $t = 6,411$).

III. DISCUSSÃO

A análise dos resultados expostos é reveladora de algumas tendências estruturais que importa realçar na perspectiva de uma avaliação do impacto que a ruptura familiar pela morte dos familiares, ambos ou apenas um deles, tem na constituição de uma nova família num meio específico, que é o urbano, onde as condições de vida e as relações sociais secundárias são de carácter diferente daquelas que, de forma genérica, estão presentes num meio rural. E isto coloca-se com maior acuidade quando, como é o caso, se quer observar em meio urbano estes comportamentos a partir de dois grupos fundamentais de residentes: os que daí são naturais e os que para aí, em determinada altura das suas vidas, migraram.

Invariavelmente, a idade média ao primeiro casamento é sempre superior nos casos em que os progenitores, pai ou mãe, faleceram do que nos casos em que ainda estão vivos, tanto para os homens como para as mulheres, com permanência, também invariável, de superioridade nos casos em que a mãe já faleceu.

HOMENS

Nos casos em que o pai já faleceu encontra-se a menor idade média ao primeiro casamento nos homens naturais da cidade de 28,29 anos, entre 1950 e 1959, e um valor máximo para os homens migrantes de 32,37 anos, entre 1940 e 1949.

Nos casos em que a mãe já faleceu encontra-se a menor idade média ao primeiro casamento nos homens naturais da cidade de 29,86 anos, entre 1960 e 1969, e um valor máximo para os homens migrantes de 35,79 anos, entre 1960 e 1969.

Nos casos em que, conjuntamente, pai e mãe já faleceram encontra-se um valor mínimo para os homens naturais da cidade de 33,79 anos, entre 1940 e 1949, e um valor máximo para os migrantes de 41,82 anos, entre 1960 e 1969.

Na comparação da diferença de médias entre os casos em que o pai já faleceu e os casos em que o pai está vivo ao casamento, encontra-se um valor mínimo para os homens naturais da cidade de 3,13 anos ($p = 0,001$; $t = 3,355$), entre 1960 e 1969, e um valor máximo para os homens migrantes de 5,66 anos ($p = 0,000$; $t = 5,714$), entre 1940 e 1949.

Na comparação da diferença de médias entre os casos em que a mãe já faleceu e os casos em que a mãe está viva ao casamento, encontra-se um valor mínimo para os homens naturais da cidade de 4,38 anos ($p = 0,002$; $t = 3,277$), entre 1960 e 1969, e um valor máximo para os homens migrantes de 9,18 anos ($p = 0,000$; $t = 4,002$), entre 1960 e 1969.

Nos casos de conjunto em que pai e mãe já faleceram, pai já faleceu e mãe está viva, pai está vivo e mãe já faleceu e pai e mãe estão vivos a comparação da diferença de médias revela um valor mínimo para os homens natu-

rais da cidade de 8,74 anos ($p = 0,000$; $F = 13,304$), entre 1960 e 1969, e um valor máximo para os homens migrantes de 15,40 anos ($p = 0,000$; $F = 31,169$), entre 1960 e 1969⁹⁵.

Numa análise das diferenças de médias entre migrantes, que casam mais tarde, e os naturais, nos casos em que o pai faleceu é no mínimo de 2,97 anos, entre 1950 e 1959, e no máximo de 3,72 anos entre 1960 e 1969; nos casos em que o pai está vivo é no mínimo 0,98 anos, entre 1950 e 1959, e no máximo 1,60 anos, entre 1940 e 1949; nos casos em que a mãe faleceu é no mínimo de 0,76 anos, entre 1950 e 1959, e no máximo de 5,93 anos entre 1960 e 1969; nos casos em que a mãe está viva é no mínimo 1,12 anos, entre 1960 e 1969, e no máximo 1,82 anos, entre 1940 e 1949; nos casos em que, conjuntamente, pai e mãe já faleceram é no mínimo 2,56 anos, entre 1950 e 1959, e de no máximo 7,90 anos, entre 1960 e 1969; nos casos em que o pai faleceu e a mãe está viva é no mínimo de 0,22 anos, entre 1960 e 1969, e no máximo de 2,76 anos, entre 1940 e 1949; nos casos em que o pai está vivo e a mãe já faleceu é no mínimo de 1,14 anos, entre 1960 e 1969, e no máximo de 1,95, entre 1940 e 1949; nos casos em que o pai e a mãe estão vivos é no mínimo de 0,81 anos, entre 1950 e 1959, e no máximo de 1,24 anos, entre 1960 e 1969.

MULHERES

Nos casos em que o pai já faleceu encontra-se a menor idade média ao primeiro casamento nas mulheres naturais da cidade de 25,69 anos, entre 1950 e 1959, e um valor máximo para as mulheres migrantes de 32,81 anos, entre 1950 e 1959.

Nos casos em que a mãe já faleceu encontra-se a menor idade média ao primeiro casamento nas mulheres naturais da cidade de 27,14 anos, entre

⁹⁵ Os valores mínimos e máximos das médias referem-se, obviamente, às categorias mais baixa e mais alta das médias e os valores da variância referem-se à comparação das médias das quatro categorias consideradas.

1950 e 1959, e um valor máximo para as mulheres migrantes de 34,20 anos, entre 1940 e 1949.

Nos casos em que, conjuntamente, pai e mãe já faleceram encontra-se um valor mínimo para as mulheres naturais da cidade de 30,38 anos, entre 1950 e 1959, e um valor máximo para as migrantes de 39,64 anos, entre 1950 e 1959.

Na comparação da diferença de médias entre os casos em que o pai já faleceu e os casos em que o pai está vivo ao casamento, encontra-se um valor mínimo para as mulheres naturais da cidade de 2,47 anos ($p = 0,000$; $t = 3,857$), entre 1950 e 1959, e um valor máximo para as mulheres migrantes de 7,11 anos ($p = 0,000$; $t = 7,864$), entre 1950 e 1959.

Na comparação da diferença de médias entre os casos em que a mãe já faleceu e os casos em que a mãe está viva ao casamento, encontra-se um valor mínimo para as mulheres naturais da cidade de 3,91 anos ($p = 0,000$; $t = 4,273$), entre 1950 e 1959, e um valor máximo para as mulheres migrantes de 7,63 anos ($p = 0,000$; $t = 4,773$), entre 1950 e 1959.

Nos casos de conjunto em que pai e mãe já faleceram, pai já faleceu e mãe está viva, pai está vivo e mãe já faleceu e pai e mãe estão vivos a comparação da diferença de médias revela um valor mínimo para as mulheres naturais da cidade de 7,56 anos ($p = 0,006$; $F = 7,760$), entre 1950 e 1959, e um valor máximo para as mulheres migrantes de 14,43 anos ($p = 0,000$; $F = 12,622$), entre 1950 e 1959⁹⁶.

Numa análise das diferenças de médias entre migrantes, que casam mais tarde, e as naturais, nos casos em que o pai faleceu é no mínimo de 3,92 anos, entre 1960 e 1969, e no máximo de 7,12 anos entre 1950 e 1959; nos casos

⁹⁶ Os valores mínimos e máximos das médias referem-se, obviamente, às categorias mais baixa e mais alta das médias e os valores da variância referem-se à comparação das médias das quatro categorias consideradas.

em que o pai está vivo é no mínimo 2,47 anos, entre 1950 e 1959, e no máximo 3,83 anos, entre 1960 e 1969; nos casos em que a mãe faleceu é no mínimo de 3,36 anos, entre 1960 e 1969, e no máximo de 6,68 anos entre 1940 e 1949; nos casos em que a mãe está viva é no mínimo 2,67 anos, entre 1940 e 1949, e no máximo 3,99 anos, entre 1960 e 1969; nos casos em que, conjuntamente, pai e mãe já faleceram é no mínimo 1,05 anos, entre 1960 e 1969, e de no máximo 9,26 anos, entre 1950 e 1959; nos casos em que o pai faleceu e a mãe está viva é no mínimo de 3,93 anos, entre 1960 e 1969, e no máximo de 4,91 anos, entre 1950 e 1959; nos casos em que o pai está vivo e a mãe já faleceu é no mínimo de 2,95 anos, entre 1950 e 1959, e no máximo de 9,16, entre 1940 e 1949; nos casos em que o pai e a mãe estão vivos é no mínimo de 2,14 anos, entre 1940 e 1949, e no máximo de 3,99 anos, entre 1960 e 1969.

Na comparação entre sexos, o comportamento padrão é o da idade média ao primeiro casamento ser superior para os homens em relação às mulheres. Mas uma análise que considere as condições dos progenitores, importantes alicerces na manutenção da vida familiar estável e na contribuição da autonomia do agregado familiar dos filhos, releva a importância dos pais estarem vivos para a idade com que os filhos contraem o primeiro matrimônio.

Para os naturais da cidade, a idade média ao primeiro casamento é superior para as mulheres entre 1960 e 1969 nos casos em que ambos os progenitores faleceram, 35,25 anos, contra 33,92 anos dos homens; é coincidente nos casos em que o pai está vivo e a mãe faleceu, 25,76 anos. Mas para os migrantes, essas diferenças são mais recorrentes e substantivas. Entre 1940 e 1949 são superiores para as mulheres quando as mães já faleceram, 34,20 anos, contra 33,57 anos dos homens, são superiores quando o pai está vivo e a mãe já faleceu, 33,08 anos, contra 27,61 anos dos homens; entre 1950 e 1959 são superiores quando o pai já faleceu, 32,81 anos, contra 31,26 anos dos homens, quando a mãe já faleceu, 33,91 anos, contra 31,87 anos dos homens, e, no conjunto, quando pai e mãe já faleceram, 39,64 anos, contra 37,56 anos dos homens, quando o pai já faleceu e a mãe está viva, 29,20 anos, contra 27,97 anos dos homens, quando o pai está vivo e a mãe já faleceu, 28,18 anos, contra 26,08 dos homens; e entre 1960 e 1969 são supe-

riores quando o pai está vivo, 26,78 anos, contra 26,56 anos dos homens, são superiores quando a mãe está viva, 26,72 anos, contra 26,61 anos dos homens, são superiores, no conjunto, quando o pai faleceu e a mãe está viva, 27,33 anos, contra 26,78 anos no conjunto, quando pai está vivo e a mãe faleceu, 28,59 anos, contra 26,90 anos dos homens, e quando ambos os progenitores estão vivos, 26,60 anos contra 26,42 anos dos homens.

As diferenças nos valores da idade média ao primeiro casamento, em homens e em mulheres, entre naturais e migrantes apresentam regularidades de relevo que suscitam a produção de alguns considerandos.

Já se sabe que os migrantes casam sempre mais tarde do que os naturais da cidade e que essas diferenças são mais notórias em relação às mulheres do que em relação aos homens.

Em todas as circunstâncias, quando se observa a condição de cada um dos progenitores separada da dos demais, tanto homens como mulheres casam sempre mais tarde quando a mãe já faleceu e que as diferenças de médias são, quase sempre, mais relevantes nesta situação entre naturais e migrantes em particular no caso das mulheres. E que, quando se observa a condição dos progenitores em conjunto, tanto homens como mulheres casam sempre mais tarde nas situações em que ambos os progenitores já faleceram.

Embora a diferença de médias seja, quase sempre, estatisticamente significativa para um intervalo de confiança superior a noventa e cinco por cento, a intensidade é maior nas situações em que os progenitores, isoladamente e em conjunto, estão vivos e não nas situações atrás descritas quando os pais, isoladamente ou em conjunto, já faleceram. Essa diferença é também mais sentida no caso das mulheres do que no caso dos homens. A importância do suporte familiar para o acesso ao primeiro casamento e à constituição de uma nova família é notória no caso dos que são naturais da cidade, porquanto as relações estatisticamente significativas são mais intensas quando os progenitores estão ainda vivos e podem ainda apoiar os filhos. O mesmo não acontece para a maior parte dos migrantes que se encontram justamente nessa condição em

virtude das suas famílias não os poderem ajudar e, mais do que isso, em virtude de eles mesmos serem parte importante para a sobrevivência e o apoio económico das suas famílias que permaneceram nas terras de onde um dia partiram.

CONCLUSÃO

A idade média ao primeiro casamento é sempre superior nos casos em que os progenitores faleceram do que nos casos em que os progenitores ainda estão vivos. E isto, por si só, parece evidenciar a importância que a estrutura familiar de retaguarda tem na idade com que as pessoas se casam para os anos em observação.

A idade média ao primeiro casamento é sempre superior nos casos em que as mães faleceram do que nos casos em que os pais faleceram. A morte das mães parece ter um efeito mais penalizador sob este ponto de vista, e em particular no caso das raparigas, a quem estavam mais destinadas as tarefas da manutenção e da gestão da casa e do acompanhamento dos familiares, particularmente dos irmãos mais novos, pelo menos até que os progenitores refizessem, por novo casamento, as suas vidas.

E em qualquer circunstância, tendo os pais falecido ou estando vivos, a idade média é sempre superior para os migrantes do que para os naturais da cidade. Porém, quando se comparam estes grupos de residentes tendo por preocupação perceber a impacte que a ruptura familiar tem nas respectivas idades médias ao primeiro casamento, verifica-se que, apesar das diferenças de médias serem sempre superiores para os migrantes, quando os progenitores falecerem nem sempre estas são, porém, estatisticamente significativas. Acontece que nas outras situações, particularmente quando os pais estão ambos vivos, as diferenças de médias são menores embora, estatisticamente significativas.

Tratando-se de uma observação feita em meio urbano e considerando que o tempo a que se reporta se inscreve no processo de Transição Demográfica,

os dados aqui apresentados sugerem que, para além de outras explicações, as idades médias ao primeiro casamento se vinculam à existência ou não de estruturas familiares de retaguarda. Na ausência dessas estruturas familiares, a idade média ao primeiro casamento é mais elevada e a capacidade natural de reprodução da população diminui. As mulheres cujos pais não faleceram casam em média nove anos e onze anos, caso sejam naturais da cidade ou caso tenham para aí migrado, do que as outras cujos pais faleceram antes de se casarem. Ora isto tem repercussões no processo reprodutivo num quadro de não generalização da contraceção em que a idade média ao casamento se assume como responsável pelo incremento ou pelo abrandamento do número médio de filhos por casal.

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, MÁRIO LESTON, (1996). *Demografia e Modernidade. Família e Transição Demográfica em Portugal*. Lisboa: INCM.

BRETTELL, CAROLINE, (1991). *Homens que Partem, Mulheres que Esperam. Consequências da Emigração numa Freguesia Minhota*. Lisboa: Dom Quixote.

FERRÃO, JOÃO, (2005). "Dinâmicas demográficas: uma visão panorâmica" in *Geografia de Portugal. Sociedade, paisagens e cidades*. (Carlos Alberto Medeiros dir.). Lisboa: Círculo de Leitores: 50-71.

LIVI BACCI, MASSIMO, (1971). *A century of portuguese fertility*. Princeton: Princeton University Press.

MAIA, RUI LEANDRO, (2003). *O sentido das diferenças. Migrantes e naturais: observação de percursos de vida no Bonfim*. Lisboa. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas: FCG/FCT.